

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**ANGÉLICA DA SILVA GOULART**

**JESSY CHEREM: A CONSTRUÇÃO DA TRAJETÓRIA DE UMA  
EDUCADORA EM CRICIÚMA NA DÉCADA DE 1960**

**CRICIÚMA, DEZEMBRO DE 2010.**

**ANGÉLICA DA SILVA GOULART**

**JESSY CHEREM: A CONSTRUÇÃO DA TRAJETÓRIA DE UMA  
EDUCADORA EM CRICIÚMA NA DÉCADA DE 1960**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciatura no curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Profª Drª. Giani Rabelo

**CRICIÚMA, DEZEMBRO DE 2010.**

**ANGÉLICA DA SILVA GOULART**

**JESSY CHEREM: A CONSTRUÇÃO DA TRAJETÓRIA DE UMA  
EDUCADORA EM CRICIÚMA NA DÉCADA DE 1960**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura, no Curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação, Cultura e Ambiente.

Criciúma, 08 de Dezembro de 2010.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Giani Rabelo – Orientadora (UNESC)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marli de Oliveira Costa (UNESC)

Prof. MSc. Vera Maria Silvestri Cruz (UNESC)

**Dedico este trabalho a todos que me deram  
forças e a todos que julgam importante a  
memória de um professor.**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente quero agradecer a Deus, pois apesar de todos os impasses que encontrei durante esta caminhada, não me deixou desistir e não deixou eu esquecer que era capaz.

Agradeço também aos meus pais, Ivonete e Adilson, que me ajudaram durante esses longos 4 anos e estiveram presente em todos os momentos felizes e tristes.

Um agradecimento especial também a Professora e minha orientadora Giani Rabelo que esteve ao meu lado auxiliando a todo o momento que precisei. E também a Professora Jessy Cherem, alvo de pesquisa, que se mostrou disponível sempre que precisamos e nos auxiliou com muitas informações e materiais. Sem ela este trabalho não existiria.

Também gostaria de agradecer as minhas colegas de curso, amigas para todas as horas, pois foi juntas, que conseguimos chegar até aqui. Ninguém consegue nada sozinho.

**“[...] lembrar não é reviver, mas é re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição. O velho, de um lado, busca a confirmação do que passou com seu coetâneos, em testemunhos escritos ou orais, investiga, pesquisa, confronta esse tesouro de que é guardião. De outro lado, recupera o tempo que correu e aquelas coisas que quando perdemos nos sentimos diminuir e morrer”**

**Ecléa Bosi**

## RESUMO

O referido Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo geral compreender os motivos que levaram a professora Jessy Cherem optar pelo magistério. A partir deste objetivo geral, com o intuito de aprofundar mais o estudo, também buscou-se entender como observar como sua formação para a docência foi sendo constituída; verificar o que levou Jessy Cherem a se instalar na cidade de Criciúma, analisar quais as lembranças que mais significaram para ela sobre sua atuação como educadora em Criciúma, identificar quais os espaços que ocupou enquanto educadora/gestora na cidade de Criciúma na década de 1960, perceber quais foram as suas contribuições para a educação cricumense, e por fim, relatar o que levou Jessy Cherem a sair de Criciúma. Para compreender a trajetória desta educadora, a partir de um olhar crítico, foi realizada uma entrevista com a professora em sua residência atual em Florianópolis, bem como entrevistas com ex- alunas de Jessy na cidade e com sua amiga Neusa Guglielmi. Além destas entrevistas, buscou-se leituras sobre memória, história oral, memória docente, gênero e docência. Ao ser, entrevistada a referida professora cedeu, de seu acervo pessoal, vários documentos textuais e iconográficos sobre sua trajetória profissional em Criciúma. Como resultado, pode-se observar que a construção da trajetória/identidade da professora Jessy Cherem não se restringiu a uma determinada etapa, mas foi se construindo ao longo da vida. Além de professora do Colégio São Bento e de ter escrito a letra do Hino de Criciúma, ela também lecionou no Colégio Madre Teresa Michel e no Colégio Marista. Foi Secretária de Educação da Prefeitura Municipal de Criciúma e fundou o primeiro jardim de infância particular da cidade. Trata-se de uma educadora que trouxe grandes contribuições para a educação pública e privada de Criciúma na década de 1960.

**Palavras-chave:** História da Educação. Memória Docente. Gênero. Magistério.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Alunas assistindo a aula do curso A.....	35
Figura 2 – Prof. Vilhena coordenando o Curso C.....	36
Figura 3 – Casais assistindo a aula com o Prof. Vilhena de Moraes.....	36
Figura 4 – Jessy Cherem cumprimentando o Prof. J. C Vilhena de Moraes.....	37
Figura 5 – Neusa e sua turma no Jardim Pequeno Príncipe.....	43
Figura 6 – Hora do lanche no Pequeno Príncipe (1975).....	44
Figura 7 – Meninos e meninas posando para a foto (1974).....	45
Figura 8 – Festa Julina do Jardim Pequeno Príncipe (1975).....	46
Figura 9 - Angélica Goulart e Jessy Cherem, na casa da entrevistada (18/02/2009).....	48



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

CEPCAN – Comissão Executiva do Plano do Carvão Nacional

DNPM – Departamento Nacional de Pesquisas Minerais

MG – Minas Gerais

OMEPE – Organização Mundial para Educação Pré - Escolar

PABAAE – Programa Brasileiro Americano de Assistência ao Ensino Elementar.

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

PL – Projeto de Lei

PMC – Prefeitura Municipal de Criciúma

PSD – Partido Social Democrata

UND – União Democrata Nacional

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

UNESCO – United Nations Educational Scientific and Cultural Organization  
(Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)

UNICEF – United Nations Children's Fund (Fundo das Nações Unidas para a Infância)

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 IDENTIDADE DOCENTE, FEMINIZAÇÃO E FORMAÇÃO PARA O MAGISTÉRIO .....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 Memória, memória docente e identidade docente: algumas reflexões .....</b>	<b>18</b>
<b>2.2 Gênero e Feminização do magistério .....</b>	<b>21</b>
<b>3 JESSY CHEREM: OPÇÃO E FORMAÇÃO PARA O MAGISTÉRIO .....</b>	<b>24</b>
<b>3.1 A formação para a docência.....</b>	<b>24</b>
<b>4 JESSY CHEREM: PROFESSORA E SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO EM CRICIÚMA .....</b>	<b>29</b>
<b>4.1 Seus passos e suas marcas em Criciúma. ....</b>	<b>29</b>
<b>5 JESSY CHEREM: UMA DAS PRECURSORAS DO JARDIM DE INFÂNCIA EM CRICIÚMA .....</b>	<b>37</b>
<b>5.1 Um breve histórico sobre os Jardins de Infância.....</b>	<b>37</b>
<b>6 CONCLUSÃO .....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>51</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>53</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, vinculada ao tema memória docente, busca dar visibilidade à trajetória da professora, hoje aposentada, Jessy Cherem, que contribuiu de forma significativa para a educação da cidade de Criciúma nos idos de 1960.

O tema desta pesquisa surgiu a partir da minha participação no projeto de pesquisa “Vida religiosa, magistério e gênero: freiras na sala de aula”<sup>1</sup>, no qual fui bolsista do PIBIC/UNESC desde 2008, sob orientação da professora Dr<sup>a</sup>. Giani Rabelo. Neste projeto, dediquei-me a busca de informações no Colégio São Bento, apesar do projeto envolver o Colégio Michel, também de Criciúma, e o Colégio Cristo Rei do município Içara.

Durante os trabalhos de pesquisa, ao buscar as antigas professoras do Colégio São Bento que lecionaram no Curso Normal, que funcionou do ano de 1965 a 1973, identifiquei o nome da professora Jessy Cherem que, por sua vez, havia escrito a letra da música do hino da cidade de Criciúma. Esse detalhe despertou-me muita curiosidade e o desejo de conhecer mais sobre a sua história.

Jessy Cherem, foi uma das compositoras do Hino de Criciúma. O fez em parceria com o maestro Acácio Santana. O maestro José Acácio Santana<sup>2</sup>, que regia o Coral de Criciúma na época, convidou-a para que juntos compusessem um hino para a cidade. Jessy aceitou e fez a letra e o maestro a melodia.

Como já foi mencionado anteriormente, Jessy permaneceu na cidade durante cinco anos, de 1962 a 1967, e foi neste período que ela compôs tal letra, porém, nunca pensou que viesse a se tornar oficial. Anos mais tarde, quando ela já havia saído da cidade, Jessy e o maestro foram chamados para uma homenagem e o hino se tornou oficial, sendo cantado até os dias de hoje.

---

<sup>1</sup> O objetivo central deste projeto é desenvolver uma investigação, com o intuito de promover uma aproximação das pedagogias missionárias protagonizadas pelas freiras em seus colégios, na condição de professoras. A pedagogia missionária vista sob a ótica dos saberes, valores, formas de ver, de conhecer e de ensinar, como difusoras de práticas sociais e culturais, que ensinaram pensamentos e comportamentos àqueles que foram os alvos delas, ou seja, os filhos e filhas das elites locais do complexo carbonífero, mais precisamente da cidade de Criciúma e Içara, cidades localizadas no sul catarinense.

<sup>2</sup> José Acácio Santana maestro, compositor, poeta e professor brasileiro dedicou sua vida a serviço do som e da palavra. Ministério que deu início aos sete anos de idade. Disponível em: <http://www.letras.com.br/biografia/jose-acacio-santana>. Acesso em: 29/09/2010

O hino foi decretado oficial em 31 de Julho de 1972, através da Lei nº 911/72. No projeto de lei encontrado na Câmara de Vereadores de Criciúma, constam os seguintes artigos:

Art. 1º - Fica oficializado, para todos os fins, o HINO DE CRICIÚMA, com música de autoria do Maestro José Acácio Santana e letra da professora Gessy (*sic*) Cherem Stocco<sup>3</sup>.

Art. 2º - O Hino de Criciúma, será cantado obrigatoriamente em todas as Escolas Municipais e nas solenidades promovidas pelo Poder Público Municipal e conta com três estrofes e um estribilho [...]. (PROJETO DE LEI, 1972, p. 2).

Na justificativa para que esta Lei fosse homologada, assinada pelo vereador Miguel Medeiros Esmeraldino, constam as seguintes informações:

O presente Projeto-de-Lei, representado após um lapso de tempo, visa legitimar o simbolismo de Criciúma no entoar de sua canção oficial, o seu Hino. Há cerca de cinco anos, iniciou-se a presença em todas as ocasiões oficiais e festivas cívicas, do Hino de Criciúma, na forma como está composto pelos seus autores Gessy Cherem Stocco e Maestro José Acácio Santana. O hábito popular transformou o Hino em uma presença conhecida e desde então ele vem sendo cantado com frequência. Esta razão nos move trazer à apreciação dos Senhores Vereadores a oficialização do Hino de Criciúma, por imperativo e inenarrável justiça e absoluta necessidade. (PROJETO DE LEI, 1972, p. 1).

Segundo Jessy, a letra do hino foi vindo aos poucos em sua mente, mas ela levou em consideração os pontos importantes que se destacavam na história da cidade. (Letra do hino em anexo).

A idéia do hino foi a seguinte: Criciúma era uma planta, Criciúma é feminino, então “nasceste menina”, nasceste uma flor, uma planta. “Foi teu berço gerado em carvão”, porque naquela época carvão era o gerador. “Hoje és capital do trabalho, orgulho da nossa nação”. Ainda sei algumas coisas do hino. “Salve, salve Criciúma, ao Brasil queres servir, de carvão foi teu berço, de trabalho teu porvir. (memórias de Jessy Cherem, 2009)

Esta pesquisa, portanto, tem como objetivo central entender como se constituiu a trajetória da educadora Jessy Cherem na cidade de Criciúma, bem como, conhecer sua formação acadêmica e o que a levou optar pelo magistério. Estarei verificando também quais os espaços que Jessy Cherem ocupou nesta

---

<sup>3</sup> O sobrenome Stocco era o de casada.

cidade e de que forma ela contribuiu para a educação criciúmena. E, por fim, analisarei os motivos que a levaram deixar a cidade de Criciúma para atuar em outros municípios.

Tive o primeiro contato com Jessy Cherem no ano de 2009. Eu e minha orientadora fomos até sua atual residência na cidade de Florianópolis, a fim de entrevistá-la. Ela nos atendeu prontamente e se colocou à disposição para nos auxiliar, inclusive cedendo alguns dos seus documentos (cópias e originais) que estavam em seu acervo, sobre sua formação e sua atuação como professora.

Dentre as muitas informações sobre esta educadora, que serão problematizadas ao longo desta pesquisa, tecerei aqui alguns dados importantes sobre a sua identidade.

Jessy Cherem é uma catarinense nascida em Tijucas. Foi morar na cidade de Florianópolis com apenas 8 meses de idade, juntamente com seus pais. Seu pai, já falecido, era de origem libanesa e comprou uma residência situada no mesmo local onde ela reside atualmente, sendo que a casa foi transformada em um edifício. Com 22 anos Jessy se casou e foi morar em Curitiba. Teve dois filhos, Liane (já falecida) e Paulo, cirurgião vascular que trabalha em Florianópolis.

Jessy Cherem concluiu o Curso Normal no Colégio Coração de Jesus em Florianópolis no ano de 1948, considerado até os dias de hoje um colégio de elite, de caráter confessional e privado.

Durante sua permanência na cidade de Criciúma, Jessy Cherem foi professora do Curso Normal nos colégios Michel e São Bento (ambos confessionais). Além disso, ocupou o cargo de Secretaria de Educação entre os anos de 1963 - ano de sua chegada - a 1967. Na cidade, ela também fundou seu próprio Jardim de Infância, denominado Jardim de Infância Pequeno Príncipe, talvez um dos primeiros da rede particular, e foi uma das compositoras da letra do Hino de Criciúma. Em Criciúma ela permaneceu por 5 anos.

Para compreender a trajetória desta educadora, a partir de um olhar crítico, busquei leituras bibliográficas sobre memória, história oral, memória docente, gênero e identidade docente, itens que constituem os conceitos centrais deste estudo.

Esta investigação pretende contribuir para os registros da história da educação de Criciúma, pois pela trajetória desta professora apresento alguns

vestígios de como estava organizada a educação na década de 1960, e de que forma se dava a atuação desta professora e gestora educacional na cidade.

Neste sentido, cabe fazer referência a Antonio Nóvoa (1995), quando ele menciona que o percurso profissional dos professores (passado), muito pode contribuir para a compreensão de determinados problemas atuais da profissão docente (presente). Além disso, as narrativas de Jessy Cherem possibilitam identificar as transformações ocorridas na educação da cidade, desde 1960 até os dias de hoje.

Este estudo também teve como propósito dar visibilidade a um segmento, ou seja, professores/as, que geralmente são esquecidos/as pela história oficial e, além disso, mostrar a importância da memória docente para o campo de pesquisa da História da Educação.

Cabe lembrar que muitos pesquisadores da área da história da educação buscam cada vez mais explorar o passado e encontrar respostas às suas perguntas. Para que este tipo de trabalho seja viabilizado, é preciso encontrar vestígios, ou seja, encontrar fontes de pesquisa.

As fontes estão, de certa forma, “escondidas” e só poderão ser encontradas a partir de uma dúvida, um problema que o historiador encontrar. Com o problema para resolver, o próximo passo é ir em busca das mesmas. O pesquisador escolherá suas fontes fazendo uma seleção para verificar aquelas que mais se aproximam do seu problema. Porém, como diz Lopes e Galvão (2001, p.79):

A seleção já foi feita tanto por aqueles que produziram o material, pelos que conservaram ou que deixaram os rastros de uma destruição – intencional ou não -, por aqueles que o organizaram em acervos e pelo próprio tempo. Neste sentido é que a história será sempre um “conhecimento mutilado”, pois só conta aquilo que foi possível saber a respeito do que se quer saber.

Não existe um número de fontes adequadas, quanto maior a diversidade de documentos, melhor se poderá produzir um conhecimento sobre o problema pesquisado.

Por muito tempo, as fontes reconhecidas pelos historiadores eram apenas as escritas oficiais, mas com o movimento dos Annales<sup>4</sup>, houve a busca por novos objetos e, conseqüentemente, houve o alargamento das fontes. Os historiadores perceberam que fontes são “[...] qualquer traço ou vestígio deixado pelas sociedades passadas e que, em muitos casos, as fontes oficiais são insuficientes para compreender aspectos fundamentais” (LOPES ; GALVÃO, 2001, p.81).

Quando falamos em fontes encontradas para aprofundar os estudos na História da Educação, podemos citar materiais como: carteiras, cadernetas de professores, provas, boletins, livros, cadernos, uniformes, quadro-negro, livro negro e muitos outros. Estes materiais auxiliam no entendimento sobre o ensino, a formação de professores/as e a disciplina escolar de uma determinada época. Cabe, portanto, ao pesquisador lançar a estas fontes as mais variadas perguntas a fim de reconstituir a história da educação.

Uma pesquisa voltada para a reconstrução da trajetória de um/a educador/a, como é o caso deste estudo, o pesquisador encontra muitos impasses, pois esses/as “antigos”/as professores/as, muitas vezes, não guardam seus materiais por julgarem não terem valor nenhum para a sociedade. Neste sentido, muito da história da nossa educação se perdeu, e quando isso acontece temos que recorrer às lembranças destes.

As lembranças que os/as educadores/as têm sobre sua trajetória profissional também são importantes fontes de pesquisa e para poder trazê-las à tona, um dos caminhos metodológicos é a história oral.

Na história oral, as fontes são as lembranças das pessoas. No meio acadêmico, esta metodologia ganhou reconhecimento em 1947 na Universidade de Columbia, em Nova York. Ela permite fazer um elo entre o presente – passado - presente. De acordo com Meihy (1996, p.13) história oral é:

Um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social das pessoas. Ela é sempre uma história do tempo presente e também conhecida por história viva. Como História dos contemporâneos, a história oral tem de responder a um sentido de utilidade prática e imediata.

---

<sup>4</sup>A chamada escola dos Annales constitui-se num movimento historiográfico. Recebe essa designação por ter surgido em torno do periódico acadêmico francês *Revue des Annales*, tendo destacado-se por incorporar métodos das Ciências Sociais à História. Em geral, divide-se a trajetória da escola em quatro fases: primeira geração - liderada por Marc Bloch e Lucien Febvre -; segunda geração - dirigida por Fernand Braudel -; terceira geração - vários pesquisadores tornaram-se diretores -; e quarta geração - a partir de 1989. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Escola\\_dos\\_Anales](http://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_dos_Anales); acesso em: 26/05/2010

“Quem é especialista em história oral é conhecido como oralista” (MEIHY, 1996, p.11). O oralista para fazer suas entrevistas usa de meios tecnológicos como o gravador, neste sentido a história oral constitui-se a partir de três elementos: o entrevistador, o entrevistado e o equipamento para a gravação. Lembrando sempre que o entrevistado deve estar lúcido para ceder seus depoimentos (MEIHY, 1996).

Dentro da história oral, existem três modalidades: história oral de vida, história oral temática e a tradição oral.

Nesta pesquisa a modalidade utilizada foi a história oral temática. A história oral temática parte de um assunto específico e pré- estabelecido pelo entrevistador. Ela admite o uso de questionários onde ele torna-se peça fundamental para encontrar os detalhes procurados e para conseguir as respostas, o entrevistador pode utilizar estímulos que ajudem o narrador (MEIHY, 1996)

A história oral requer também um bom planejamento para que as entrevistas não fiquem soltas, guiando as escolhas e qualificando todo o projeto elaborado.

Após a entrevista o processo ainda não está completo. O/a pesquisador/a ainda terá que fazer a transcrição, tematização e transcrição de todo o relato do/a entrevistado/a. A transcrição seria a passagem da gravação oral para a escrita, excluindo-se os erros gramaticais, vícios de linguagem e palavras repetidas, sem interferir na oralidade do narrador.

Após a transcrição, o/a entrevistador/a fará a tematização da entrevista. “Nesta fase, suprimem-se as eventuais perguntas que, fundidas nas respostas, superam suas importâncias” (MEIHY, 1996, p.59), ou seja, o conteúdo das entrevistas é separado por temas, eliminando as perguntas e deixando apenas as respostas do/a entrevistado/a.

A transcrição será a última etapa, tratando-se de um texto recriado e tendo a interferência do autor a partir do que ele deseja que seja mudado.

O/a entrevistado/a também terá que assinar o termo de consentimento informado (conforme modelo no anexo 1) onde autoriza o/a entrevistador/a a citar seu nome ou não e esses termos são sempre anexados à versão final da pesquisa.

Na maior parte das vezes, a história oral é a fonte mais concreta de informações e em outros a única. Entre os usos que se vem fazendo sobre a história



oral no campo da história da educação, muitos tem se voltado para a memória docente.

A entrevista com Jessy Cherem foi realizada em 18/02/2009. A entrevista foi transcrita, organizada por temas e, posteriormente, foi realizada a transcrição para facilitar a análise. O texto resultante da entrevista transcrita foi enviado, por correio, à depoente. Ela revisou a entrevista e acrescentou algumas informações que estavam faltando e corrigiu outras, além disso, assinou o termo de consentimento autorizando a publicação de seu nome e depoimentos, nos reenviando por correio.

Jessy Cherem também nos forneceu vários documentos e fotos referentes à época de sua atuação na cidade de Criciúma e, também, de sua atuação em outros locais. Tivemos acesso a jornais de escolas, fotos, documentos de congressos, certificados entre outros.

Este estudo ocorreu no âmbito da Linha de Pesquisa “Educação, Cultura e Ambiente”, mais precisamente vinculado ao Eixo Temático “Memória, Infância e Sociedade”, do Curso de Pedagogia da UNESC.

Este trabalho buscou compreender as seguintes questões: Quais os motivos que levaram Jessy Cherem a optar pelo magistério? Como sua formação para o magistério foi sendo constituída? O que levou Jessy Cherem a se instalar na cidade de Criciúma? Quais as lembranças que mais significaram para Jessy Cherem sobre sua atuação como educadora em Criciúma? Quais os espaços que ocupou enquanto educadora/gestora na cidade de Criciúma? Quais foram as suas contribuições para a educação cricumense? O que levou Jessy Cherem a sair de Criciúma?

Ele está dividido em cinco momentos. No primeiro capítulo, intitulado “Identidade docente, feminização e formação para o magistério”, será realizada uma abordagem teórica sobre estes conceitos. Os/as autores/as utilizados/as neste capítulo foram: Bosi (1994); Cardoso (1981); Chamon (2005); Louro (1997); Mignot e Cunha (2003); Mogarro (2005); Oliveira (2004); Pinto, Gomes e Silva (2008); Pollak (1989), Santos (1993) e Vianna (2002).

O segundo capítulo, intitulado como “Jessy Cherem: opção e formação no magistério” procura mostrar como se deu o processo de sua formação para o magistério e o que levou Jessy Cherem a optar pela profissão docente. Para isso, foram utilizadas as memórias de Jessy relatadas na entrevista concedida do dia

18/02/09. Também foram citados/as os autores/as Borba (2003); Fiori (2007) e Louro(1997).

O terceiro capítulo, “Jessy Cherem: professora e secretária da educação em Criciúma”, mostra quais foram os espaços que Jessy Cherem ocupou dentro da cidade de Criciúma no campo educacional e como foi ocupando estes espaços. Para isso também foram usadas as memórias de Jessy Cherem, bem como memórias de ex-alunas dela na cidade. Também foram utilizados documentos textuais e iconográficos cedidos pela educadora.

O quarto e último capítulo, “Jessy Cherem: uma das precursoras do Jardim de Infância em Criciúma”, mostra um pouco da história do Jardim de Infância no mundo e no Brasil, e por fim, aborda a criação de um dos primeiros Jardins de Infância de Criciúma, criado por Jessy Cherem, bem como sua história, as pessoas envolvidas nele e o fechamento deste educandário. Para este capítulo foram utilizados/as os/as autores/as Arce (2002), Ferrari (2006), Kuhlmann Jr.(2001) e as memórias da entrevistada Neusa Guglielmi, que atuou como professora no Jardim de Infância Pequeno Príncipe.

Finalizando, apresento a conclusão sem a preocupação de fechar as análises aqui apresentadas, mas de remeter questões para futuras investigações.

## **2 IDENTIDADE DOCENTE, FEMINIZAÇÃO E FORMAÇÃO PARA O MAGISTÉRIO**

Neste capítulo, será realizada uma discussão sobre os conceitos de identidade docente, a feminização e formação para o magistério, a fim de compreender a opção e formação de Jessy Cherem para o magistério.

### **2.1 Memória, memória docente e identidade docente: algumas reflexões**

Tratar sobre a trajetória de uma educadora implica em discutir conceitos como o de memória, memória docente e identidade docente.

A memória é descrita por muitos como a capacidade que temos de relembrar algo do passado, algo já vivido por uma pessoa, mas se pararmos um pouco para refletir veremos que a memória esta presente em nossas vidas de diferentes maneiras. “Por memória entendemos nossa capacidade de recitar um poema de cor, beber um copo d’água, seguir um trajeto diário sem tropeços, ou ainda recordar fatos vivenciados no passado e aprender com eles”. (SANTOS, 1993, p.72).

Ter como foco a memória de professores/as é tentar encontrar elementos que dizem muito sobre o período vivido, a cultura e as práticas docentes presentes numa determinada época. Para trazer à tona a memória de um/a entrevistado/a, é preciso que este sujeito esteja disposto a rememorar o seu passado, e que o/a entrevistador/a, use de seus conhecimentos para auxiliá-lo.

A memória não pode ser considerada como algo pronto e acabado, ela é construída na relação com o outro, aquele que nos dá motivos para lembrar. Ela é definida como algo marcante na vida das pessoas e refere-se às imagens que as pessoas têm de suas próprias vidas. (PINTO, GOMES, SILVA, 2008).

O ser humano não vive isolado e tudo que ele constrói tem ligação com outros homens. É através do outro que construímos e também que podemos confirmar nossa memória.

A memória sempre se constitui na relação com o outro, em uma conversa, na troca de informações, nas lembranças de coisas que fizeram juntos, ou pelo simples fato de olhar uma pessoa e lembrar-se de algo vivido. O outro sempre será importante quando se diz respeito à memória.

Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, 1989, p.15).

A memória é um arquivo infinito, mas que registra apenas alguns fragmentos. Ela pode surgir, muitas vezes, como uma possibilidade de mudar o passado e o presente. Ao relatar suas experiências, o sujeito pode se referir aquilo que ele não fez, mas que naquele momento que ali está, lembrando-se, chegou a conclusão, que poderia ter sido diferente. (PINTO, GOMES, SILVA, 2008).

A memória não se restringe apenas ao fato vivido, mas também aquilo que poderia ter acontecido, ou seja, pode ser tomada como uma forma de resistência a um passo que não se desenrolou tal como desejado. Assim a memória pode ser compreendida como possibilidade, como uma outra possível interpretação e que, dessa maneira, altera o passado e também o presente, pois permite novos significados para o momento atual vivido. (PINTO, GOMES, SILVA, 2008, p.18).

A memória também é vista como trabalho, pois requer esforços e dedicação do/a entrevistado/a que se reportará a um passado longínquo. É impossível lembrarmos-nos de tudo a todo tempo. “Cresce a nitidez e o número das imagens de outrora, e esta faculdade de relembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las as imagens de agora”. (BOSI, 1994, p.81).

Ao fazer sua narrativa, o/a entrevistado/a pode encontrar algumas “falhas” em sua memória, neste sentido o/a entrevistador/a fará o uso das ancoras da memória, objetos que evocam de algum modo o passado e auxiliam os sujeitos no processo de rememoração. (PINTO, GOMES, SILVA, 2008, p.50).

Porém, essas “falhas” na memória podem ser um esquecimento, onde o sujeito traz à tona somente aqueles acontecimentos que ele quer lembrar.

O esquecimento faz parte de qualquer narrativa, sendo um de seus elementos constitutivos. Junto a isso, os silêncios de um grupo social ou de um sujeito em particular, as memórias subterrâneas nem sempre são sinônimos de passividade ou conformismo. Muito pelo contrário, podem ser formas de resistência às memórias hegemônicas em uma dada sociedade e em um determinado tempo histórico. (PINTO, GOMES, SILVA, 2008, p.57).

A memória docente, assim chamada, é descrita e observada a partir da narrativa que o entrevistado irá fazer, “narrar exige um esforço de elaboração para tornar concreto através da história que se tece, as diversas experiências vividas por cada sujeito”. (PINTO, GOMES, SILVA, 2008, p.22). A partir também dos objetivos da pesquisa, o historiador usará a narrativa, aquilo que ele ouviu, da melhor forma possível.

As pesquisas que vêm sendo feitas sobre a memória docente, sobre a vida, a trajetória, as práticas e as vivências dos/as professores/as, ao longo de toda sua trajetória profissional, estão diretamente ligadas à tentativa de construção de um tempo presente. A memória docente ajuda os historiadores a perceberem, a descobrirem e entenderem um passado que estava escondido, dentro de muitos/as professores/as.

Os testemunhos orais são essenciais para preencher com as vivências pessoais (que as memórias tornam possível aprender) as realidades educativas do passado e conferir, deste modo, substâncias, consistência e densidade humana aos dados fornecidos por outras fontes de informação que o historiador tem a sua disposição, podendo estabelecer cruzamentos entre esses dados de diferentes origens. (MOGARRO, 2005, p. 28).

Falar de si, do que viveu, é também fazer uma reflexão sobre sua vida. O/a professor/a ao ser entrevistado se sente parte de uma sociedade. “A oralidade permite também a emergência de dimensões geralmente esquecidas ou mantidas no limbo da invisibilidade, que a produção de testemunhos orais, num contexto de maior formalismo, propicia.” (MOGARRO, 2005, p.15).

O/a professor/a se enxergará como um atuante, capaz de participar de uma transformação. Trazendo à tona essas histórias, estamos reconstruindo a cultura de um/a professor/a e a sua história. “Tudo que o homem diz e escreve, tudo que ele fabrica, tudo que ele toca, pode e deve nos informar sobre ele” (MIGNOT; CUNHA, 2003, p.171).

É através destes depoimentos, das memórias de professores/as que podemos descobrir, por exemplo, os motivos que as/os levaram a escolher o

magistério, como se deu essa escolha, o que as/os influenciou, e o que vivenciaram dentro desta prática. E, com essas respostas podemos entender esta profissão no tempo presente.

## **2.2 Gênero e Feminização do magistério**

Para discutirmos a memória docente, é preciso considerar o processo de feminização do magistério, ou seja, como se constituiu essa profissão e de que forma os/as professores/as são vistos/as hoje. Esta discussão só é possível se a fizermos articulada com o debate sobre as relações de gênero.

Até o começo do século XIX as mulheres não tinham adquirido o direito à educação, elas tiveram direito a freqüentar as instituições escolares, como alunas, somente em 1824, quando começou uma preocupação maior no ensino das meninas (LOURO, 1997). Porém, elas teriam que ter aula com professoras mulheres, e um ensino bem diferente do que os meninos tinham. As professoras das meninas deveriam mostrar para elas uma honestidade e uma dignidade na sua postura, e ensinar-lhes os trabalhos manuais e domésticos.

As professoras não precisavam ensinar geometria às meninas que deveriam apenas estudar as quatro operações. Como se pode observar, desde aí as escolas já estabeleciam uma nítida diferença entre o menino e a menina, sempre em prejuízo das mulheres que deveriam ser mais ignorantes e menos instruídas.(CARDOSO, 1981, p.20).

Com o fato das professoras não poderem lecionar as disciplinas como geometria elas acabaram por ter prejudicados seus salários, deixando-os bem inferiores aos dos professores homens. (OLIVEIRA, 2004).

Mas, a questão dos salários baixos não era vista como motivo de problema por elas, uma vez que a maioria das professoras eram donas de casa, casadas e com filhos, e seu salário seria o suficiente, já que o sustento da família era visto como sendo de responsabilidade somente dos homens.

A idéia de encontrar uma mulher na sala de aula, exercendo o magistério, surge com o pensamento de que ela iria continuar exercendo a maternidade com seus alunos e alunas.

Para Apple (1995 apud OLIVEIRA 2004, p. 166)

[...] a docência, em outros tempos, não constituía uma profissão feminina. Ao contrário, a predominância de homens nesta profissão a caracterizava como masculina. A feminização desta ocorre, a partir do momento em que os homens abandonam esta atividade, visto que a industrialização e a urbanização tornam-se responsáveis por ampliar e melhorar as oportunidades de trabalho, principalmente para o sexo masculino. Desta forma, o magistério não mais representa para homens uma forma de ascensão na sociedade, devido aos baixos salários oferecidos à categoria.

Pode-se, então, dizer que um dos pontos que tornaram o magistério uma profissão feminina foi o abandono desta profissão por parte dos homens, para ocuparem outros postos de trabalho surgidos a partir do processo de industrialização brasileira, passando a receber melhores salários, cumprindo assim, de forma mais efetiva o sustento familiar. Desta forma, a desvalorização do magistério, esta relacionada a esta questão. Para as mulheres bastava complementar a renda do marido, portanto, não era problema receber um baixo salário.

As escolas normais começaram a surgir com o intuito de melhorar a formação docente. Elas foram criadas para formar homens e mulheres, porém tinham que estudar em salas separadas. Mas, com o tempo, o número de matrículas corresponde ao maior contingente feminino.

Ao serem criadas as escolas normais, a pretensão era formar professores e professoras que pudessem atender a um esperado aumento na demanda escolar. Mas tal objetivo não foi alcançado exatamente como se imaginava: pouco a pouco, os relatórios iam indicando que, as escolas normais estavam recebendo e formando mais mulheres do que homens. (LOURO, 1997, p.449).

Para as mulheres desta época, “a prática social do magistério na escola elementar é vista por um número significativo de mulheres como vocação” (CHAMON, 2005, p.13). O magistério durante muito tempo foi considerado como uma extensão da maternidade. Por outro lado, as mulheres também escolhiam esta profissão por ser uma das únicas possíveis, inserindo-as no meio social e no mercado de trabalho da época.

O magistério, então, passou a ser visto a partir dos traços socialmente atribuídos ao feminino, como a docilidade e dedicação.

Criam-se, assim, vários estereótipos sobre homens e mulheres: agressivos, militaristas, racionais, para eles; dóceis, relacionais, afetivas, para elas. Em decorrência, funções como alimentação, maternidade, preservação, educação e cuidado com os outros fica mais identificadas com os corpos e mentes femininas, ganhando, assim, um lugar inferior na sociedade, quando comparadas às funções tidas como masculinas. (VIANNA, 2002, p.93).

O trabalho de professora era visto como algo temporário, pois caso ocorresse qualquer problema em casa, com seus filhos e marido, ou seja, com sua “verdadeira” ocupação, ela teria que largar seu trabalho e resolver estes assuntos. “Dizia-se ainda, que o magistério era próprio para mulheres porque era um trabalho de um só turno, o que permitia que elas atendessem as obrigações domésticas no outro período” (LOURO, 1997, p.453).

Quando as mulheres começam a conquistar mais direitos dentro da sociedade, como o de votar e começam a ocupar cargos na vida pública, a participação delas, no magistério primário, passa a aumentar significativamente.

A partir disso, as escolas normais começam a receber um público feminino significativo (LOURO, 1997). Primeiro, algumas e depois as salas estão lotadas de mulheres, tornando-se, com o passar dos anos, uma profissão eminentemente feminina, com o objetivo de transformar meninas e mulheres em professoras.

Não se trata de afirmar que sempre foi assim ou que é inerente à nossa “natureza”. Trata-se, sim, de afirmar que as expressões da masculinidade e da feminilidade são historicamente construídas e referem-se aos símbolos culturalmente disponíveis em uma dada organização social, às normas expressas em suas doutrinas e instituições, à subjetividade e às relações de poder estabelecidas nesse contexto. (VIANNA, 2002, p.90).

Hoje podemos dizer que as instituições de Educação Infantil e a escola primária tem, em absoluta maioria, as salas de aulas regidas por mulheres. Estamos nesta profissão por uma questão histórica, pois as marcas do passado fizeram a diferença e contribuíram para que o magistério se tornasse uma profissão eminentemente feminina.

Estes aspectos teóricos discutidos neste capítulo fundamentarão as problematizações que serão apresentadas nos próximos capítulos deste trabalho.



### 3 JESSY CHEREM: OPÇÃO E FORMAÇÃO PARA O MAGISTÉRIO

Este item apresenta a trajetória de Jessy Cherem no que diz respeito a sua escolha pela profissão, bem como o processo de formação para a docência.

#### 3.1 A formação para a docência

O Colégio Coração de Jesus fica localizado na cidade de Florianópolis, nele Jessy foi aluna durante sete anos e ao final concluiu o Curso Normal. Na época, paralelamente aos seus estudos, ela lecionava gratuitamente para as crianças asiladas no mesmo colégio, administrado pelas Irmãs da Divina Providência. A este respeito ela relata: “eu sempre fui boa aluna, então as boas alunas eram escolhidas para dar aulas para as criancinhas órfãs do colégio. Então eu fui quatro anos professora daquelas criancinhas e adorei”<sup>5</sup>.

Como já lecionava no colégio e as irmãs já conheciam seu trabalho, assim que se formou como professora normalista, Jessy foi convidada para atuar junto a turma do primeiro ginásial onde permaneceu por dois anos.

Para ela a escolha pelo magistério se deu pelo fato de ter vocação para tal profissão, mas as influências da sociedade da época também interferiram em sua escolha.

A fala de Jessy Cherem nos remete para uma profunda e necessária reflexão sobre o processo de naturalização que foi ocorrendo em relação à escolha do magistério como profissão, dificultando a construção de um olhar crítico em relação à opção que muitas pessoas, principalmente mulheres, fazem pela carreira docente e a desvalorização da profissão. O termo professor, de acordo com Kreutz (1986, p. 13), significa historicamente, aquele que “professa fé e fidelidade aos princípios da instituição e se doa sacerdotalmente aos alunos, com parca remuneração aqui, mas farta na eternidade”.

---

<sup>5</sup> Jessy Cherem. Entrevista concedida a Angélica da Silva Goulart e Giani Rabelo, em Florianópolis, no dia 18/02/2009.

Isso nos leva a entender o porquê que o magistério tem sido associado à idéia de amor, missão, dedicação, bem como, tem sido desvalorizado, com conseqüente perda de *status* profissional.

Ter uma filha professora formada em um colégio católico de elite, era sinal de grande prestígio social.

Naquela época ou eu era professora ou eu ficava em casa tocando piano. Então meu pai gostou muito quando decidi ser professora, ainda mais estudar no Colégio Coração de Jesus que naquela época era “o colégio”!. Mas antes de eu fazer o curso eu disse pra ele, porque ele tinha loja e queria que os filhos trabalhassem pra ele, sabe como são os libaneses.  
 - Papai, eu só vou fazer o curso se o senhor me deixar ser professora, se o senhor não deixar diga hoje porque ai eu nem faço.  
 Ai ele disse:  
 - Não, você pode ser professora<sup>6</sup>.

Ser professora, para Jessy Cherem, parece ter sido a única opção para que não ficasse em casa. Para a elite essa profissão era vista com bons olhos para as mulheres, afinal elas não deixariam de cumprir com seu papel social e nem deixariam de lado a docilidade e a obediência, quesitos necessário as moças da época.

A mulher era vista na sociedade como frágil e logo precisaria ser protegida e controlada. O trabalho fora da vida doméstica poderia representar um risco para elas. O trabalho como professora deveria ser indispensável para a sobrevivência e não poderia afastar as mulheres da vida familiar, dos deveres domésticos e da maternidade em si (LOURO, 1997).

As jovens normalistas, muitas delas atraídas para o magistério por necessidade, outras por ambicionarem ir além dos tradicionais espaços sociais e intelectuais, seriam também cercadas por restrições e cuidados para que sua profissionalização não se chocasse com a sua feminilidade. (LOURO, 1997, p.453).

Como já foi mencionado na introdução deste trabalho, assim que se casou, Jessy foi morar na cidade de Curitiba, mas ela ainda permaneceu em contato com as Irmãs do Colégio Coração de Jesus. “Uma das minhas professoras daqui, Irmã Marilza, foi para Curitiba dirigir o Colégio Divina Providência e me solicitou para dar aulas particulares às suas alunas que necessitavam de um reforço na

---

<sup>6</sup> Jessy Cherem. Entrevista citada.

aprendizagem”.<sup>7</sup> Lá ela tinha em torno de 30 alunas, e as aulas eram realizadas dentro de sua própria residência. Somado a isso, ela foi solicitada para dar cursos no Científico de Educação, também no Colégio da Divina Providência. Estes cursos eram sobre a vida na sociedade, segundo a depoente.

Permaneceu no colégio lecionando por três anos, mas residiu na cidade cerca de 10 anos, quando então decidiu voltar para Florianópolis. Em seu retorno passou a atuar na Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina, como funcionária concursada.

Eu era funcionaria concursada da secretaria estadual de educação, fiz concurso para diretora de grupo escolar, mas ai o secretário me chamou para trabalhar no setor técnico da secretaria. Então eu era técnica de educação da secretaria e como técnica de educação eu fui me especializar em Belo Horizonte<sup>8</sup>.

Assim que se tornou concursada, Jessy ganhou uma bolsa de estudos para fazer um curso dentro do Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar - PABAE. Este programa foi fruto do acordo assinado entre o Brasil e os Estados Unidos, no ano de 1956, com a finalidade de melhorar o ensino elementar brasileiro. Borba (2003, p. 194), ao resenhar a obra de Edil Vasconcellos Paiva e Lea Pinheiro Paixão, “*PABAE (1956-1964): a americanização do ensino elementar?*”, comenta:

A necessidade de firmar esse acordo surgiu da análise da situação do ensino primário, nos anos 1950: altos índices de evasão e repetência, elevado número de professores leigos e utilização de material didático que não contribuía para o processo de escolarização. O “fracasso” da escola primária brasileira foi atribuído à baixa qualificação do corpo docente. Nesse sentido, a estratégia entendida como mais adequada para a melhoria dos índices de escolarização primária era o investimento na formação do professor primário.

Este curso permaneceu funcionando entre os anos de 1956 a 1964, na cidade de Belo Horizonte, e recebia bolsista de todo o país que freqüentavam aulas ministradas por professores brasileiros e americanos. De acordo com Fiori (2007 p. 7):

---

<sup>7</sup> Jessy Cherem. Entrevista citada.

<sup>8</sup> Jessy Cherem. Entrevista citada.

As bolsistas catarinenses sempre tiveram clareza de que o governo de seu estado os apoiava, pois lhes concedera autorização para afastamento com salários, havendo ainda uma complementação de recursos que funcionava como uma ajuda de custo; e, salienta-se, o curso do PABAE não era pago e os alunos ainda recebiam farto e rico material didático. O que de mais moderno então havia.

Em Belo Horizonte - MG. Jessy permaneceu durante o ano de 1963 realizando um curso com ênfase em educação pré-escolar com o objetivo, estipulado pela Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, de conseguir trazer idéias de melhoria para os jardins de infância da cidade, e ampliar o número deste tipo de instituição que na época eram apenas dois.

Este foi o melhor curso que eu fiz até os dias de hoje, superando até cursos de faculdade, foi ótimo. Eram professores brasileiros que passavam 5 anos nos Estados Unidos fazendo o curso, e vinham coordenar os cursos no Brasil. Era feito no Instituto de Educação, e nós tínhamos aula das 7 da manhã às 8 da noite, com interrupção de apenas uma hora para almoçar. Era um curso com muito conteúdo, muito bom sabe? E nós tínhamos aulas teóricas e práticas, e praticávamos<sup>9</sup>.

O curso dava oportunidade para que as alunas fizessem estágios em estados diferentes. Elas eram encaminhadas todo final de semana para o Rio de Janeiro para fazer estágio nos jardins de infância. “Os alunos do PABAE freqüentavam um curso que exigia muito de seu tempo e que os envolvia com muitas atividades, inclusive viagens de estudo ao Distrito Federal e ao Rio de Janeiro” (FIORI, 2007, p.11). Este curso também proporcionava um estudo sobre a psicologia da criança. “Nós aprendíamos muito a lidar, a compreender a criança e a trabalhar com ela como ela é, não como nós queríamos que ela fosse”<sup>10</sup>.

Jessy também fez um curso na cidade do Rio de Janeiro com o intuito de assumir a direção do Museu Histórico de Santa Catarina<sup>11</sup>. Ela assumiu este cargo a pedido do governador Antonio Carlos Konder Reis<sup>12</sup>. Neste curso ela fez estágio no Museu Nacional e no Museu Histórico do Rio de Janeiro. Na direção do Museu ela permaneceu por dez anos. Juntamente com todas essas atividades, Jessy também

<sup>9</sup> Jessy Cherem. Entrevista citada.

<sup>10</sup> Jessy Cherem. Entrevista citada.

<sup>11</sup> “Criado em 04/10/1977 (Lei nº 5.476), o Museu Histórico de Santa Catarina foi inaugurado em 1979 na casa da antiga Alfândega, hoje sede do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan. Disponível em: (<http://www.mhsc.sc.gov.br>). Acesso em: 11/09/10.

<sup>12</sup> Foi governador de Santa Catarina entre 1975 a 1979. Disponível em: (<http://www.mhsc.sc.gov.br>). Acesso em: 11/09/10.

foi presidente da Organização Mundial para Educação Pré-Escolar - OMEP, em Santa Catarina.

A Organização Mundial para Educação Pré-Escolar - OMEP é um órgão consultivo da UNESCO e do UNICEF, fundada em 1948 após a 2ª Guerra Mundial, para assistir crianças vítimas daquela barbárie. Ampliou-se para vários países e foi criada no Brasil em 1953, onde se expandiu a diversos estados por meio de Federações Estaduais e diversos municípios por meio de Associações Municipais. A OMEP é uma entidade não governamental e filantrópica destinada à realização de atividades sócio promocionais, assistenciais e educativas. São finalidades da OMEP promover a educação, a defesa dos direitos da criança (OMEP, 2009)

A trajetória de formação de Jessy Cherem para o magistério não ficou restrita ao campo formal. Ela partiu de uma escolha, se formou no magistério, praticou sua docência, fez cursos de aperfeiçoamento, ocupou cargos de gestão, fatores que a constituíram como educadora. Sobre isso Moita (1992, p. 115) afirma:

Ninguém se forma no vazio. Formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagem, um sem fim de relações. Ter acesso ao modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade da sua história e sobretudo o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos. Um percurso de vida é assim um percurso de formação, no sentido em que é um processo de formação. [...] O processo de formação pode assim considerar-se a dinâmica em que se vai construindo a identidade de uma pessoa. Processo em que cada pessoa, permanecendo ela própria e reconhecendo-se a mesma ao longo da sua história, se forma, se transforma em interacção.

Com base nestas discussões, podemos perceber que o processo de formação de professores se dá no percurso da vida. A formação profissional se constrói entrelaçada à própria vida.

## **4 JESSY CHEREM: PROFESSORA E SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO EM CRICIÚMA**

Dentre as funções que Jessy Cherem desenvolveu na cidade de Criciúma, professora e Secretaria Municipal de Educação foram as principais. Tudo indica que foi a partir destas atividades que Jessy se destacou.

### **4.1 Seus passos e suas marcas em Criciúma.**

As alunas bolsistas do PABAEE no final da formação tinham que assumir um compromisso: trabalhar durante dois anos com a formação de professores para o aperfeiçoamento de seus conhecimentos pedagógicos. Ao voltar de Belo Horizonte, em 1963, Jessy recebeu um convite do senhor Antônio Guglielmi Sobrinho<sup>13</sup>, para que ela fosse responder pela Secretaria de Educação de Criciúma. Jessy aceitou o convite, e foi com seus dois filhos para a cidade, na época ela já estava separada do marido.

Já na cidade, em 1962, Jessy foi acolhida pelas Pequenas Irmãs da Divina Providência que administravam o Colégio Madre Teresa Michel. As religiosas cederam um quarto para que ela ficasse com seus filhos. O quarto ficava ali mesmo no colégio e as Irmãs ainda lhe oferecem uma vaga de professora no Curso Normal. Jessy então trabalhava de secretária da educação da cidade e lecionava no Colégio Michel. No educandário, Jessy além de lecionar no Curso Normal também orientou a Irmã Maria Valquíria Zanette em sua atuação no Jardim de Infância, que funcionava nas mesmas instalações.

Com o tempo ela foi fazendo amizades na cidade e assim que o senhor Algemiro Manique Barreto<sup>14</sup> terminou a construção de um edifício de apartamentos, convidou Jessy para morar nele, no terceiro andar. Ali ela permaneceu durante 5 anos, de 1962 a 1967, ou seja, até o seu retorno para a cidade de Florianópolis.

---

<sup>13</sup> Foi deputado estadual de Santa Catarina à Assembleia Legislativa de Santa Catarina pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA).

Além do Colégio Madre Teresa Michel, Jessy atuou como professora em outros educandários como o Curso Normal São Bento, administrado pelas Irmãs Beneditinas da Divina Providência e pelo Padre Estanislau Cizeski; e o Colégio Marista, administrado pelos Irmãos Maristas.

Sobre sua atuação na Escola Normal São Bento e no Colégio Marista, ambos confessionais, ela relata:

Ali as Irmãzinhas da Casa da Criança<sup>15</sup> queriam criar também o curso para professoras que não tinha, mas faltava professora de Didática. Eu fui convidada e trabalhei lá. No Colégio Marista faltava professora para Educação Moral e Cívica, então os irmãos me convidaram para dar aula no Curso Científico<sup>16</sup>.

O Curso Normal São Bento foi criado em 1965 em vista da necessidade de capacitar professores de 1º à 4º série do primeiro grau. Este curso funcionou durante oito anos, e formou sua última turma de normalista, encerrando o curso no ano de 1973 (HISTÓRICO..., 2008, p 3)

No Curso Normal do Colégio São Bento ela lecionava duas vezes por semana. Este curso funcionava à noite. Além da disciplina de Didática ela também ministrava aulas de Psicologia. Eram várias alunas e algumas já eram professoras<sup>17</sup>. Sobre esta questão podemos destacar algumas falas de ex alunas do Curso Normal que confirmam o horário do funcionamento do colégio. Maria Bernadete<sup>18</sup> diz que: “[...] teve uma turma que fazia à noite. Minha Irmã fez à noite, mas não durou muito tempo”.

Ainda sobre o horário, Zuleima<sup>19</sup> comenta: “Eu estudava à noite no Colégio São Bento e também comecei o Científico naquela época, mas permaneci só dois meses, porque eu dava aula na Mina Brasil, dava substituição no Rio Maina e estudava no Normal à noite. Começava às 7 horas e terminava as 23:30 porque eu chegava em casa 23:45”.

---

<sup>14</sup> Algemiro Manique Barreto foi prefeito da cidade de Criciúma entre 1973 a 1977 e foi deputado à Assembleia Legislativa de Santa Catarina de 1979 a 1983 pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA).

<sup>15</sup> A Casa da Criança, Curso Normal São Bento e Ginásio São Bento, eram todos administrados pela mesma congregação e funcionavam em um mesmo local, porém tinham nomes diferentes. Só mais tarde, quando já não havia mais o Curso Normal, denominaram tudo como Colégio São Bento. (Histórico do Colégio São Bento, 2008)

<sup>16</sup> Jessy Cherem. Entrevista citada.

<sup>17</sup> Jessy Cherem. Entrevista citada.

<sup>18</sup> Maria Bernadete. Entrevista concedida a Angélica Goulart no dia 17/03/2010

<sup>19</sup> Zuleima Maria Casagrande Perraro. Entrevista concedida a Angélica Goulart no dia 14/12/2009.

Como estava na cidade para trabalhar na Secretaria Municipal de Educação, Jessy encontrou algumas dificuldades para administrar seu tempo. Não conseguia trabalhar e lecionar paralelamente, pois os horários não eram compatíveis com as exigências do cargo. A este respeito ela comenta:

Então eu conversei com o prefeito e disse para ele que só se eu fosse também dispensada alguns horários da secretaria para poder atender à comunidade, porque naquela época eles tinham poucos professores com formação na cidade. O Doutor Arlindo<sup>20</sup> disse:

- A senhora pode ficar à vontade.

Eu trabalhava pela manhã e à tarde e a maior parte das aulas eu dava à noite, quando saía da secretaria<sup>21</sup>.

A frente da Secretaria Municipal de Educação uma das coisas que chamou a atenção dela, foi a situação que se encontrava o ensino público municipal de Criciúma. Segundo ela, muitos professores não possuíam nem o ensino primário. Ela, então, passou a fazer visitas nas escolas para verificar como estava o trabalho dos professores em sala de aula, com o intuito de fazer uma crítica construtiva. “Então eu comecei a fazer visitas nas escolas e a ver que até a própria língua portuguesa, eles não sabiam, tinham palavras erradíssimas escritas no quadro”<sup>22</sup>, conta Jessy.

Após este espanto, Jessy decidiu orientar ela mesma os professores. Quando os chamava para as reuniões, ao invés de fazer serviços burocráticos, os professores tinham aula de Língua Portuguesa e Educação Moral e Cívica. Jessy procurava mostrar como os professores deveriam lidar com as crianças

Eu ensinava como que eles tinham que lidar com as crianças, porque eu vi professores dando reguadas em alunos, gritando na sala de aula, botando de castigo fora da sala de aula, sozinha, isolada. Coisa que nós sabíamos que era tudo negativo. Então eu comecei a dizer para eles, a mostrar a forma positiva da educação, e a importância de saber para poder ensinar, e eles aceitaram muito bem<sup>23</sup>.

Além dos cursos de formação ela também proporcionava aos professores, viagens de excursões. A maioria dos professores não conhecia a capital do estado, ela, então, combinava com o prefeito que nesta viagem seria montado o plano de

<sup>20</sup> Arlindo Junkes foi prefeito de Criciúma entre 1963 a 1966.

<sup>21</sup> Jessy Cherem. Entrevista citada.

<sup>22</sup> Jessy Cherem. Entrevista citada.



ensino do ano letivo, além de ensiná-los como eles deveriam tratar as crianças. As viagens eram uma espécie de passeio remunerado. “O professor recebia seu dinheiro, a sua estada no hotel e a orientação pedagógica que eu trabalhava com eles”<sup>24</sup>.

Segundo Jessy, naquela época haviam trinta escolas, sendo que a maioria eram escolas isoladas. O método defendido por ela baseava-se em Montessori<sup>25</sup> e Pestalozzi<sup>26</sup>, mas ela acreditava que o melhor método a ser utilizado era aquele que atendesse as necessidades de aprendizagem das crianças. Além disso, Jessy afirmava que professores que não tinham nem o ensino primário, não poderiam entender e, principalmente, aplicar Montessori ou Pestalozzi.

A criança vinha do meio muito pobre, cultura familiar nada favorecida, então o que a criança precisa saber: Montessori? Não é? Eu nunca apliquei o método. Eu sempre fazia assim, via as necessidades das famílias das crianças e dou aquilo que elas necessitam<sup>27</sup>.

Na sua avaliação, havia muitas minas de carvão e famílias inteiras trabalhavam nestas minas, sendo assim, a pobreza na cidade era muito grande em vista de outros municípios, principalmente da capital, de onde ela era oriunda. Por conta disso, ela se empenhou juntamente com o prefeito para proporcionar, ao menos, uma merenda de qualidade para os alunos. A merenda vinha de Florianópolis e era distribuída em todas as escolas.

---

<sup>23</sup> Jessy Cherem. Entrevista citada.

<sup>24</sup> Jessy Cherem. Entrevista citada.

<sup>25</sup> Maria Montessori nasceu em 1870, em Chiaravalle, no norte da Itália, filha única de um casal de classe média. Desde pequena se interessou pelas ciências e decidiu enfrentar a resistência do pai e de todos à sua volta para estudar medicina na Universidade de Roma. Direcionou a carreira para a psiquiatria e logo se interessou por crianças com retardo mental, o que mudaria sua vida e a história da educação. Ela percebeu que aqueles meninos e meninas proscritos da sociedade por serem considerados ineducáveis respondiam com rapidez e entusiasmo aos estímulos para realizar trabalhos domésticos, exercitando as habilidades motoras e experimentando autonomia Disponível em: < <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/maria-montessori-307444.shtml> > Acesso em: 22/09/2010

<sup>26</sup> Johann Heinrich Pestalozzi nasceu em 1746 em Zurique, na Suíça. Na juventude, ele abandonou os estudos religiosos para se dedicar à agricultura. [...] Pestalozzi levou algumas crianças pobres para casa, onde encontraram escola e trabalho como tecelãs, aprendendo a se sustentar. Alguns anos depois, a escola se inviabilizou e Pestalozzi passou a explorar suas idéias em livros, entre eles Os Crepúsculos de um Eremita e o romance Leonardo e Gertrudes. [...] Pestalozzi desenvolveu seu projeto mais abrangente, dando aulas para estudantes de várias origens e comandando uma equipe de professores. Divergências entre eles levaram a escola a fechar. Yverdon projetou o nome de Pestalozzi no exterior e foi visitada por muitos dos grandes educadores da época. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/pestalozzi-307416.shtml>> Acesso em: 22/09/2010.

<sup>27</sup> Jessy Cherem. Entrevista citada.

Eu tinha carta branca para conseguir as coisas dentro da secretaria. A secretaria tinha um bom orçamento, ele [o prefeito] nunca me impediu, porque eu estava acostumada aqui na secretaria [Florianópolis] com o serviço administrativo também. A secretaria dispunha de tantos mil, era tantos mil que eu recebia, o prefeito nunca usou o dinheiro da secretaria para outra coisa, foi sempre para a educação. Então, por isso, que eu consegui fazer as coisas porque sem dinheiro a gente fica sem condições de aplicar um método, um bom equipamento, uma melhoria no ensino<sup>28</sup>.

A maioria das turmas eram multisseriadas e a maioria das escolas não tinham recursos didáticos apropriados e nem tão pouco uma boa infra-estrutura. “Eu peguei muita escola que tinha só aquela salinha de aula, um quadro negro e as carteirinhas e nada mais, nem banheiro tinha, as crianças tinham que fazer fora”<sup>29</sup>. As escolas eram pequenas casas de madeiras bem afastadas da população. Aos poucos, Jessy foi trabalhando para conseguir materiais, construir banheiros e deixar essas escolas em melhores condições.

Um dos cursos que Jessy ofereceu aos professores, e que guarda o relatório em seu acervo pessoal, foi o “Curso de Psicologia Aplicada a Problemas Educacionais, Sociais, Familiares e Profissionais”. Este foi um dos curso oferecidos dentro do Curso Intensivo de Psicologia. Quem ministrou estes cursos foi o professor José Carlos de Vilhena de Moraes. Segundo Jessy, “o professor J. C. Vilhena de Moraes era um Psicólogo do Rio de Janeiro, com muita experiência, e uma pessoa muito simpática. Ele trabalhou no SESI muitos anos e depois trabalhava dando cursos por todo o país”<sup>30</sup>.

Este curso aconteceu entre os dias 4 a 13 de Julho de 1965 na cidade de Criciúma. As aulas foram realizadas no *City Club*, um clube social da cidade. O curso Intensivo de psicologia estava subdividido em quatro outros cursos, e esses tinham mais algumas divisões. De acordo com o Relatório de Atividades Curso de Psicologia Prof. J. C. Vilhena de Moraes (1965), as atividades estavam assim organizadas:

### **Curso A:**

Curso de Psicologia Aplicada a Problemas Educacionais, Sociais, Familiares e Profissionais: aconteceu diariamente das 08hs às 09h 20min e das 19h30min às 20h50min.

---

<sup>28</sup> Jessy Cherem. Entrevista citada.

<sup>29</sup> Jessy Cherem. Entrevista citada.

<sup>30</sup> Jessy Cherem. Entrevista citada.

Curso de Aspectos da Educação Pré-Primária no Jardim de Infância; Curso sobre Problemas Psicopedagógicos da Educação Primária, que acontecia diariamente das 10h às 11h20min.



**Figura 1:** Alunas assistindo a aula do curso A.

**Fonte:** Relatório de Atividades Curso de Psicologia Prof. J. C. Vilhena de Moraes (1965).

**Curso B:**

Curso de Orientação Psicopedagógica Infanto Juvenil que realizou-se diariamente das 14h às 15h20min;

Curso sobre Psicologia da Adolescência, que realizou-se diariamente das 15h30min às 16h 25min.

**Curso C:**

Curso de Psicologia Aplicada a Problemas Humanos na Administração Pública e de Empresas, que aconteceu diariamente das 16h30min às 17h:50min.



**Figura 2:** Prof. Vilhena coordenando o Curso C.

**Fonte:** Relatório de Atividades Curso de Psicologia Prof. J. C. Vilhena de Moraes (1965)

### **Curso D:**

Curso sobre Problemas Humanos na Vida Conjugal, que aconteceu diariamente das 21h às 22h20min.



**Figura 3:** Casais assistindo a aula com o Prof. Vilhena de Moraes

**Fonte:** Relatório de Atividades Curso de Psicologia Prof. J. C. Vilhena de Moraes (1965).

Ao final deste curso o professor ficou admirado com a quantidade de alunos, pois o número de participantes extrapolou a quantidade de 1000 pessoas, conta Jessy<sup>31</sup>.



**Figura 4:** Jessy Cherem cumprimentando o Prof. J. C Vilhena de Moraes

**Fonte:** Relatório de Atividades Curso de Psicologia Prof. J. C. Vilhena de Moraes (1965)

Por conta disso, ele a convidou para coordenar, com ele, a oferta do curso em todo o estado de Santa Catarina. Sobre este episódio ela comenta: “Eu fui ao prefeito e pedi permissão para me ausentar, aí o seu Arlindo deixou. Então nos demais cursos por todo o estado de Santa Catarina eu fui assessora”<sup>32</sup>. Jessy permaneceu por mais oito anos trabalhando com o professor José Carlos de Vilhena de Moraes. Ela ministrava o curso aos adolescentes e professores e ele para os pais.

Jessy ocupou e deixou suas marcas em escolas privadas da cidade de Criciúma, mas certamente, sua maior dedicação aconteceu para a Secretaria Municipal de Educação, cargo que provavelmente tenha lhe exigido muito. Além dessas atividades foi uma das precursoras do jardim de infância na cidade, sobre este assunto tratarei no próximo capítulo.

<sup>31</sup> Jessy Cherem. Entrevista citada

<sup>32</sup> Jessy Cherem. Entrevista citada.

## **5 JESSY CHEREM: UMA DAS PRECURSORAS DO JARDIM DE INFÂNCIA EM CRICIÚMA**

Antes de abordar a experiência do Jardim de Infância Pequeno Príncipe que teve como idealizadora Jessy Cherem contextualizarei este tema em nível mundial e nacional, procurando dar visibilidade ao seu processo de implantação em Criciúma.

### **5.1 Um breve histórico sobre os Jardins de Infância.**

Em função da pouca oferta de vagas para atender as crianças da elite local, nos anos de 1960 na cidade de Criciúma e também em função de sua formação, Jessy Cherem resolveu implantar um jardim infância, que passou a ser denominado Jardim de Infância Pequeno Príncipe.

Para entender melhor sobre o surgimento do Jardim de Infância, e quais foram suas primeiras concepções, precisamos destacar o criador de tal instituição, ou seja, Friedrich Wilhelm August Froebel. Filho do pastor luterano Johann Jacob Froebel e Jakobine Eleanore Hoffman, nasceu em Oberweissbach, em Turíngia, região sudeste da Alemanha, no dia 21 de abril de 1782 (ARCE, 2002).

Pelo incentivo de um amigo diretor de uma escola modelo, Froebel veio a se tornar professor levando em consideração suas experiências escolares, que não foram muito agradáveis. Sua metodologia de trabalho se baseava na prática, acreditava que se aprendia fazendo.

Froebel era um dos educadores que mais se preocupava com a educação das crianças. Por este motivo, em junho de 1840, na cidade de Blankenburg, ele fundou o primeiro Jardim de Infância que veio a se chamar Kindergarten. Em alemão, King significa criança, e Garten significa Jardim, ou seja, Jardim de Crianças. A infância para este educador, era comparada a um jardim. As plantas não precisam só de água e luz solar, também precisam dos cuidados de um jardineiro ou jardineira para não crescerem em um estado totalmente selvagem ( ARCE, 2002).

Dizia também que cada planta tem seu crescimento e desenvolvimento natural, onde umas necessitariam de mais calor e outras de muita água, assim

referia-se aos diferentes processos de aprendizagem que cada criança apresenta, ou seja, o educador deveria respeitar o ritmo e encontrar a melhor metodologia a ser trabalhada conforme cada necessidade. (ARCE 2002, p. 108).

Segundo Ferrari (2006, p. 60)

Froebel defendia a educação sem imposições às crianças porque, segundo sua teoria, elas passam por diferentes estágios de capacidade de aprendizado, com características específicas. Froebel não fez a separação entre religião e ensino, consagrada atualmente, mas via a educação como uma atividade em que escola e família caminham juntas.

Ele dizia que a criança já nascia com disponibilidades de conhecimentos internos, pronta para aprender e desenvolver seus conhecimentos, o meio neste caso, seria apenas um instrumento de incentivo para esta criança, um auxiliador que ajudaria vir à tona a sua natureza.

O primeiro Jardim de Infância implantado no Brasil era particular, surgiu no ano de 1875, a partir da fundação e idéia do médico Menezes Vieira que se destacou na área da educação, considerando que o jardim-de-infância deveria cumprir um papel de moralização da cultura infantil, na perspectiva de educar para o controle da vida social, trazendo o trabalho pedagógico defendido por Friedrich Froebel, como o traçado, a dobradura, o desenho froebiliano, o papel quadriculado, a aquarela, todos feitos pelas crianças do jardim. (KUHLMANN Jr.,2001).

Somente em 1896 é que foi criado o primeiro Jardim de Infância público no Brasil anexo à Escola Normal Caetano Campos na capital do estado de São Paulo, organizado por Gabriel Prestes. A escola contava com uma equipe grande de professoras que se dedicaram a traduzir alguns trechos das obras de Froebel.

A preocupação com o cuidado com a educação das crianças já se dá a muito tempo em todo o mundo. Perceber que esta é uma fase importante na vida destas, e que a educação se torna de extrema importância para o futuro das crianças, foi se tornando pensamentos cada vez mais primordiais. Porém, o assistencialismo também predominou dentro destas instituições, e em algumas prevalece até os dias de hoje.

Voltando ao jardim criado por Jessy, na organização do mesmo, ela contou com a colaboração de algumas pessoas, entre elas: Marlene, casada com o Dr. Helmut e outras que Jessy não recorda o nome. Elas atendiam as crianças e Jessy era responsável pela orientação pedagógica. Inicialmente, a instituição

funcionou num apartamento desocupado no prédio onde ela residia. Sobre isto ela comenta:

Como havia um apartamento desocupado no prédio do seu Algemiro, eu falei com ele e ele me disse que se eu quisesse alugar para fazer funcionar o jardim ele aceitaria, embora eu soubesse que não era indicado. Mas, para começar eu aluguei um apartamento no segundo andar e comecei com vários alunos<sup>33</sup>.

Neste local, o jardim de infância não funcionou muito tempo, pois mais tarde foi transferido para uma das casas do Departamento Nacional de Pesquisas Minerais (DNPM), localizada na Praça do Congresso, área nobre da cidade.

A casa foi cedida pelo DNPM por influencia de D. Ivone, esposa do então Diretor da Comissão Executiva do Plano do Carvão Nacional (CEPCAN), o Eng. Lauro da Cunha Campos.

Certo dia Jessy representou o prefeito Arlindo Junkes, como era comum, em uma das festividades em homenagem ao referido presidente, organizada pelo empresário Manoel Dilor de Freitas.

O Eng. Lauro da Cunha Campos costumava vir a Criciúma uma vez por ano, acompanhado de sua esposa. Ao chegar nesta festa, Jessy foi apresentada a D. Ivone, as duas começaram a conversar até que D. Ivone ficou sabendo da existência do Jardim de Infância Pequeno Príncipe e das condições de funcionamento. Foi neste momento que Dona Ivone, sabedora do descontentamento de Jessy com o local decidiu ajudá-la. Nas palavras de Jessy foi assim que ela se pronunciou a respeito: “Eu vou lhe ajudar dona Jessy, sabe como? Eu vou falar com o Lauro, para ele ceder a casa do plano do carvão, porque nós estamos aqui, viemos uma vez por ano a Criciúma e não precisamos da casa”<sup>34</sup>.

Jessy então agradeceu muito a ajuda e se comprometeu a oferecer dez bolsas de estudos para as crianças necessitadas, filhas de operários, sendo que das demais seria cobrado a mensalidade. O jardim iniciou com quinze crianças, mas aos poucos foi aumentando, chegando a atender cinquenta crianças. Sobre este número de alunos ela comenta:

---

<sup>33</sup> Jessy Cherem. Entrevista citada.

<sup>34</sup> Jessy Cherem. Entrevista citada.



Eu nunca tive uma escola super lotada, eu tomei um objetivo, eram as situações de apoio. O máximo que eu tinha, conforme o tamanho da casa eram 20 alunos, 30 alunos. No apartamento tinha 15, e eu não aceitava mais, porque aí não adiantava ter. Como dizia a Dona Alzira, nossa orientadora da PABAE, a maior parte dos jardins são “menineiros”, é um lugar de botar meninos, não é um lugar para educar meninos, é um lugar para botar meninos<sup>35</sup>.

Jessy relata que o convívio entre as crianças que ganhavam bolsas de estudos e as crianças que pagavam suas mensalidades era “super natural”, não havendo separação entre as diferentes classes sociais dentro do estabelecimento. As crianças que frequentavam o educandário eram, em geral, de famílias muito ricas, famílias de nome na cidade de Criciúma, como os filhos e filhas dos Cechinel, Manique, dos Freitas entre outros. Jessy manteve o Jardim de Infância Pequeno Príncipe funcionando até o momento em que foi embora de Criciúma. O estabelecimento se manteve fechado por um bom tempo.

No ano de 1972, Neusa Carmem Guglielmi, filha de um casal de amigos que acolheram Jessy na sua chegada a Criciúma, resolveu montar um jardim de infância, visto que ela tinha se formado professora normalista no ano de 1968, no Curso Normal do Colégio Madre Tereza Michel e trabalhando por dois anos seguidos no Jardim de Infância do próprio colégio.

Ela entrou em contato com dona Jessy, pois sabia que a mesma tinha todos os materiais do seu jardim que havia fechado.

Eu tinha recém me formado, e trabalhava no jardim do Michel, mas queria abrir um jardim pra mim. Ai nós fomos atrás de um lugar pra montar esse jardim. A dona Jessy era muito amiga da minha família, inclusive quando ela veio morar em Criciúma ela ficou hospedada em minha casa. Ai nós íamos abrir o jardim ali na rua Henrique Lage, ai a dona Maria Tereza Conti, que é amiga minha foi comigo lá falar com os irmãos para alugar uma sala e abrir o jardim lá.<sup>36</sup>

Então o jardim foi inaugurado no ano de 1972 nas instalações do Colégio Marista, porém não tinha nenhum vínculo com o colégio, apenas houve a cedência das salas de aula. Jessy já havia retornado para Florianópolis neste ano, ajudando apenas na replantação do mesmo. “Ela só deu nome porque ela já era formada e ela já tinha assim, a empresa, o jardim de infância Pequeno Príncipe.”<sup>37</sup>. Neusa

<sup>35</sup> Jessy Cherem. Entrevista citada.

<sup>36</sup> Neusa Guglielmi. Entrevista concedida a Angélica da Silva Goulart no dia 30/09/10, em Criciúma.

<sup>37</sup> Neusa Guglielmi. Entrevista citada

administrava o jardim e atendia as crianças. Jessy vinha, quando necessário, visitar o jardim.

Neusa comenta que trabalhava com as crianças de forma lúdica. “Ai eu fiz um curso com a Gloria Nodari em Joaçaba em que a gente trabalhava muito com a parte lúdica da infância. Era mais ou menos isso, faz tanto tempo que eu nem me lembro de muita coisa.”<sup>38</sup>.

O Jardim era mantido com as mensalidades que os pais pagavam. Neusa comenta que as famílias eram de classe média alta. O jardim funcionava no período vespertino, das 13 horas às 17 horas e iniciou suas atividades com cerca de 25 crianças.



**Figura 5:** Neusa e sua turma no Jardim Pequeno Príncipe

**Fonte:** Acervo pessoal de Neusa Guglielmi.

O jardim chegou a ter quatro salas de aulas com uma média de 25 crianças em cada turma. Elas ingressavam com 3 anos e as turmas eram organizadas em Maternal, Jardim I, Jardim II e Pré-escola. O jardim de infância

---

<sup>38</sup> Neusa Guglielmi. Entrevista citada.

funcionava a partir de uma rotina diária e sobre isso Neusa lembra de algumas atividades realizadas:

Nós tínhamos o horário de lanche, de parque. Normalmente nós chegávamos à sala de aula e fazíamos uma rodinha que se chamava a rodinha da novidade, onde eles traziam uma novidade de casa, e também para eles aprenderem a ouvir os colegas e esperarem sua vez de falar. Depois a gente fazia uma atividade lúdica, e depois faziam um trabalho ou uma pintura relacionada ao que a professora estava trabalhando, porque a gente trabalhava várias matérias: português, matemática, ciências, geografia. Porque a gente estudava a comunidade, o que acontecia ali, ao redor da escola. Descobríamos o nome do diretor, sabe aquelas coisa assim que envolviam outras disciplinas. Ai eles faziam o lanche e iam para o parque, eles tinham praticamente uma hora de parque todos os dias, ai depois eles voltavam para a sala e nós dávamos uma atividade como pintura livre e essas coisas.<sup>39</sup>



**Figura 6:** Hora do lanche no Pequeno Príncipe (1975)

**Fonte:** Acervo pessoal de Neusa Guglielmi.

As crianças do jardim tinham seu uniforme e o uso era obrigatório. Neusa descreve detalhadamente esse uniforme.

---

<sup>39</sup> Neusa Guglielmi. Entrevista citada.

O tecido era de algodão. Dos meninos a blusinha era xadrez com branco e vermelho com a golinha pólo do mesmo tecido da calça, e a calça era vermelha de gabardini. As meninas era uma jardineira tipo um aventalzinho que tinha um bolsinho e de dentro desse bolsinho saia uma flor xadrez, branca com vermelho. A jardineira era vermelha, e a blusinha de dentro era xadrez também.<sup>40</sup>



**Figura 7:** Meninos e meninas posando para a foto (1974)

**Fonte:** Acervo pessoal de Neusa Guglielmi.

O uso do uniforme neste jardim era obrigatório, no entanto na foto podemos observar crianças sem uniforme. O uniforme tem um papel de homogeneizar, organizar e seu uso torna-se uma regra importante, no entanto alguns burlam esta regra.

A utilização deste serve, para a instituição, como elemento de visibilidade, o que torna visível o caráter de organização e do posicionamento social elevado. Passa a imagem de escola que atende a uma clientela seleta. Essa imagem interessa ao colégio. Tendo em vista que é comum imaginar-se que a aquisição do conhecimento seja facilitada pelas condições sociais dos alunos, uma escola que tenha um quadro de alunos pretensamente em boas condições econômicas, passa a ser vista como uma escola eficiente (NEPPEL, 2000, p. 106)

<sup>40</sup> Neusa Guglielmi. Entrevista citada.

O uniforme dentro de uma instituição também tem um sentido de selecionar e controlar os alunos dentro da escola.

Sua utilização faz do usuário um ser observável e controlável por todos. Permite controle de entrada e saída do estudante no ambiente escolar; controla a ocupação de um determinado espaço e a utilização do tempo. O uniforme seleciona: identifica quem estuda, quem frequenta a escola e os diferencia dos que não estudam. (NEPPEL, 2000, p.107)

Ainda podemos ressaltar que o jardim era particular. A classe social das famílias atendidas era de média alta, para alta. Com isso também podemos destacar o uniforme no seguinte sentido

Estar usando o uniforme de uma escola particular permite ao aluno ser visto publicamente como membro pertencente à uma camada social mais favorecida, o que lhe garante certos privilégios. É de domínio público a ciência de que as pessoas melhores vestidas são melhores atendidas em qualquer espaço público, seja este um hospital, um banco, uma loja. (NEPPEL, 2000, p. 108)

A participação dos pais, segundo Neusa, não era um problema, ao contrário, os pais eram bastante participativos. O jardim se fazia presente em todas as festividades organizadas pelo Colégio Marista. Festas juninas, desfile cívico no 7 de setembro, Dia das mães, Dia dos pais, Dia das crianças entre outros.





**Figura 8:** Festa Julina do Jardim Pequeno Príncipe (1975)

**Fonte:** Acervo pessoal de Neusa Guglielmi.

As professoras trabalhavam sozinhas dentro da sala de aula. Mas recebiam estagiárias do Curso de Magistério do Colégio (Escola de Educação Básica Sebastião Toledo dos Santo), situada em Criciúma.

O Jardim de Infância Pequeno Príncipe funcionou por 4 anos no Colégio Marista de forma autônoma, ou seja, de 1972 a 1976, posteriormente, Neusa e Jessy resolveram desfazer a sociedade e o Colégio Marista incluiu este nível de ensino em seu estabelecimento, porém com o nome de Maristinha. Neusa permaneceu trabalhando na coordenação do jardim e também passou a lecionar em outros níveis de ensino ofertados pelo Colégio Marista. Ela trabalhou 33 anos na instituição. Até os dias de hoje o Colégio Marista oferta a educação infantil.

Por fim, podemos destacar os motivos que levaram Jessy Cherem a deixar a cidade de Criciúma, o que será relatado nos próximos parágrafos.

A convite do Deputado Antonio Guglielmi Sobrinho do Partido Social Democrata (PSD) ela assumiu a Secretaria Municipal de Educação de Criciúma, como ela mesma relata:

Eu não era política, nunca fui nem nunca tive partido, eu votava nas pessoas, sempre votei, até hoje voto em pessoas. Não voto nos partidos, mas fui colocada por ele, porque foi ele quem pediu para o prefeito, então essa marca política ficou<sup>41</sup>.

Cinco anos depois, quando houve eleições municipais, o partido do então prefeito Arlindo Junk's (PSD) não foi vitorioso e se elegeu um novo prefeito: Rui Hulse, da União Democrática Nacional (UDN). Durante a posse do novo prefeito Jessy estava participando de um encontro de corais em Porto Alegre e quando retornou uma carta de demissão estava sobre sua mesa. O novo secretário já havia assumido a sala e o lugar de Jessy. "O prefeito não teve sentimento de me chamar e dizer, só botou o ato de demissão e o novo secretário já estava na minha cadeira"<sup>42</sup>. O prefeito chegou a solicitar a presença de Jessy em sua sala, mas ela se recusou, alegando que era ele quem deveria procurá-la. Jessy voltou para o seu cargo em Florianópolis e deixou um recado com o novo secretário, para que ele entregasse ao prefeito.

Você diga ao prefeito, você faça o favor de levar um recado a ele, que eu sou funcionária da secretaria de educação de Florianópolis e é para lá que eu estou indo. E que o prefeito me deve 3 meses de salário, e eu quero que ele me pague na secretaria de educação, é esse o recado. Além disso, eu não vou me apresentar ao prefeito porque ele não teve a coragem de me dizer que eu estava demitida, ele mandou o ato pelo senhor, então o senhor leve esse recado para ele<sup>43</sup>.

A construção da trajetória/identidade da professora Jessy Cherem não se restringiu a uma determinada etapa, mas foi se construindo ao longo da vida. Além de professora do Colégio São Bento e de ter escrito a letra do Hino de Criciúma, ela também lecionou no Colégio Madre Teresa Michel e no Colégio Marista, foi Secretária de Educação da Prefeitura Municipal de Criciúma e fundou o primeiro jardim de infância particular da cidade. Trata-se de uma educadora que trouxe grandes contribuições para a educação pública e privada de Criciúma na década de 1960.

---

<sup>41</sup> Jessy Cherem. Entrevista citada.

<sup>42</sup> Jessy Cherem. Entrevista citada.

<sup>43</sup> Jessy Cherem. Entrevista citada.



**Figura 9:** Angélica Goulart e Jessy Cherem, na casa da entrevistada (18/02/2009)

**Fonte:** Acervo pessoal de Angélica Goulart



## 6 CONCLUSÃO

Ao concluir esta pesquisa que buscou compreender como se constituiu a trajetória de Jessy Cherem enquanto educadora na cidade de Criciúma, nos idos da década de 1960, podemos relatar que sua trajetória foi bastante intensa e significativa para a cidade naquela época.

Ainda moça ela decide-se pelo magistério enquanto profissão, motivada pela ideia da vocação e porque, naquela época, o magistério era considerado uma profissão de prestígio para as mulheres, principalmente para a elite. Por esta razão ela foi estudar em um colégio de freiras.

Jessy Cherem se formou normalista no colégio Coração de Jesus em Florianópolis no ano de 1948. Posteriormente, ela lecionou aulas particulares a meninas que precisavam de reforço escolar à pedido das religiosas. Depois, se tornou funcionária concursada da Secretária de Educação de Florianópolis.

Jessy Foi aluna do Programa Brasileiro Americano de Assistência ao Ensino Elementar – PABAAE, na cidade de Belo Horizonte –MG, onde permaneceu por um ano. O governo federal pretendia, por meio deste programa, melhorar a qualidade de ensino das escolas primárias que apresentavam, na época, baixos índices de aprovação nas décadas de 1950 e 1960.

Ela também foi presidente da Organização Mundial para Educação Pré-Escolar em Santa Catarina – OMEP/SC. Trata-se de um órgão da UNESCO e UNICEF que se constitui em uma entidade não governamental e filantrópica que se destina à realização de atividades sócio promocionais, assistenciais e educativas. São finalidades prioritárias da OMEP: promover a educação, a defesa dos direitos da criança.

Por indicação política veio residir na cidade de Criciúma para ocupar o cargo de Secretária de Educação, na condição de funcionária cedida pela Secretaria Estadual de Educação do estado de Santa Catarina. Como foi bolsista do PABAAE e uma das prerrogativas era a de que trabalhasse durante dois anos com a formação de professores para o aperfeiçoamento de seus conhecimentos pedagógicos, ela aceitou o convite do então Deputado Antônio Guglielmi Sobrinho, em 1963, para ocupar o referido cargo.

As lembranças mais significativas sobre estas experiências estão relacionadas à sua atuação na secretaria de educação. Jessy relata sobre a importância do trabalho de aperfeiçoamento dos professores, a partir dos cursos que ela mesma ministrou ao grupo de professores.

Na cidade, Jessy assumiu outras atividades, além da secretária foi professora no Curso Normal dos colégios São Bento e Michel; professora do Colégio Marista e fundadora do primeiro jardim de infância particular da cidade.

A fim de compreender a atuação de Jessy junto ao jardim de infância, ampliei meus conhecimentos sobre o surgimento do Jardim de Infância, enquanto um tipo de instituição infantil, bem como a história de seu fundador e os princípios que ele defendia no âmbito desta proposta inovadora para a sua época. Foi possível, também, compreender como esta proposta se expandiu da Alemanha para o mundo e sua implantação no Brasil. O jardim de infância constituiu-se em uma proposta das mais inovadoras, pode-se até dizer, revolucionária, num contexto em que o assistencialismo era o principal quesito das instituições infantis.

O Jardim de Infância Pequeno Príncipe, de acordo com as memórias de Jessy e Neusa, se constituiu de duas etapas. A primeira quando foi criado por Jessy, iniciando suas atividades em um apartamento no centro da cidade e depois na casa do Presidente do Plano do Carvão, na Praça do Congresso. A segunda etapa corresponde aquela em que Neusa se torna administradora e professora do educandário, momento em que Jessy já havia deixado a cidade. Nesta ocasião o jardim passou a funcionar nas dependências do Colégio Marista. Jessy continuou como fundadora, e vinha visitar o jardim sempre que necessário. Esta instituição atendeu, principalmente, as crianças de famílias da elite local.

Por fim, Jessy deixa a cidade após ter permanecido por pouco mais de 5 anos. Ao analisar suas lembranças, pude compreender que sua saída foi dolorosa. Jessy perdeu seu cargo de Secretária por conta de uma troca partidária na administração municipal resultante da eleição de um novo prefeito, vinculado a outro partido político.

Para discutir sobre sua formação docente, ampliei meus conhecimentos sobre a constituição do magistério como profissão feminina, que se deu ao longo dos anos por conta do processo de feminização da profissão. Também foram necessários os conhecimentos relacionados à memória e a memória docente,

oportunizando a esta pesquisadora a compreensão da importância dessa discussão e desse viés para a reconstrução da história da educação.

Como última consideração, é importante ressaltar a importância da história oral, uma vez que abriu outras possibilidades de ver o passado, pois cada sujeito tem o seu olhar, a partir da sua história de vida. Este estudo só foi possível graças às memórias das entrevistadas, principalmente as de Jessy Cherem, pois apenas as fontes documentais seriam insuficientes para desvendar a riqueza da trajetória desta educadora. Ao utilizar-me da história oral, contribuí para retirar do anonimato alguém que, como outras educadoras, procurou fazer o melhor para a educação municipal de sua época.

## REFERÊNCIAS

ARCE, Alessandra. A tríade naturalizante na concepção educacional de Pestalozzi e Froebel: homem, Deus e natureza. IN: \_\_\_\_\_ **História da Educação**. Rio grande do Sul: editora da UFPel, 1997. p.87-115. 2002.

BORBA, Siomara. PABAE (1956-1964): a americanização do ensino elementar?. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2003, n.24, pp. 194-196. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782003000300015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300015)>. Acesso em: 16/07/2010

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHAMON, Magda. **Trajetória de feminização do magistério: ambigüidades e conflitos**. Belo Horizonte: Autêntica/ FCH - FUMEC, 2005.

FERRARI, Márcio. O educador das crianças pequenas. **Escola**, São Paulo, ano XXI, n. 190, 57-60, março. 2006.

FIORI, Neide Almeida. O Programa Brasileiro-Americano de Assistência ao Ensino Elementar (PABAE) segundo memórias de uma aluna/professora. In: V Congresso Internacional de Educação Pedagogias (entre) lugares e saberes, 2007, São Leopoldo – RS. **Anais...** V Congresso Internacional de Educação Pedagogias (entre) lugares e saberes, São Leopoldo, 2007. P. 01-13

KREUTZ, Lúcio. Magistério: Vocação ou Profissão? **Educação em Revista**, Belo Horizonte (3): 12-16, jun. 1986.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. Educação da Infância brasileira: 1875 /1983. In: Carlos Monarcha (org.). **O Jardim de Infância e a educação das crianças pobres: Final do século XIX, início do século XX**. Campinas: Autores Associados, 2001.

LOPES, Eliana Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997.

MEIHY, José Carlos S. Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Layola, 1996.

MOGARRO, Maria João. **Memórias de professores. Discursos orais sobre a formação e a profissão.** Pelotas: ASPHE Semestral, 1997.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; CUNHA, Maria Teresa Santos. **Práticas de memória docente.** São Paulo: Cortez, 2003.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de Formação e de Transformação. In: NÓVOA, Antônio (org.). **Vidas de Professores.** Portugal: Porto, 1992

NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor.** Porto: Porto, 1995.

OLIVEIRA, Vânia Fortes de (org.). **Magistério: profissão feminina?** In:\_\_\_\_\_ Imagem de professor: significações do trabalho docente. Injuí: Unijuí, 2004. (coleção educação).

OMEPE, Organização Mundial para Educação Pré-Escolar. **Apresentação institucional da OMEPE no Brasil.** Disponível em: < [www.omepe.org.br](http://www.omepe.org.br)>. Acesso em: 14/10/2010.

PINTO, Ana Lucia Guedes; GOMES, Geisa Genaro; SILVA, Leila Cristina Borges da. **Memórias de leitura e formação de professores.** Campinas: Mercado de letras, 2008.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v. 2, nº 3, p. 3-15, 1989.

SANTOS, Myrian. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. **Revista Brasileira de Ciências Sociais,** São Paulo, ano 8, nº 23, p. 70-84, outubro de 1993.

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. **Cad. Pagu [online].** 2002, n.17-18, pp. 81-103. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a03.pdf> > Acesso em: 30/09/2010

**ANEXO**

## HINO DE CRICIÚMA

Letra: Jessy Cherem Stocco

Música: Maestro José Acácio Santana

CRICIÚMA, nasceste menina;  
Foi teu berço plasmado em carvão;  
Hoje és uma aurora brilhante;  
De uma nova e feliz geração.

CRICIÚMA, outrora tu foste;  
A semente modesta e feliz  
Hoje és capital do trabalho  
E o orgulho do nosso País.

CRICIÚMA, és mãe dedicada;  
Destes filhos de teu céu azul.  
És do amor a canção mais sublime,  
Prazerosa “Rainha do sul”.

### ESTRIBILHO:

SALVE, salve Criciúma  
Ao Brasil queres servir  
De carvão foi teu berço;  
De progresso é teu porvir.

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

Sob o título *Jessy Cherem: a construção da trajetória/identidade de uma educadora em criciúma na década de 1960*. Esta pesquisa culminará na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso/Dissertação ou Tese, a partir de entrevista com professores, alunos, atendentes de biblioteca e gestores, coletando assim, dados e informações a cerca da experiência destes sujeitos em relação a biblioteca escolar como espaço pedagógico no processo de ensino-aprendizagem.

Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma expressão oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada.

A pesquisadora responsável é a acadêmica Angélica da Silva Goulart, matriculada no curso de Pedagogia, da UNIVERSIDADE do Extremo Sul Catarinense, orientanda da(o) professor(a) Giani Rabelo, da mesma instituição. Os envolvidos se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (48) 9923-4125.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu \_\_\_\_\_, Identidade n.º \_\_\_\_\_ declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada no Curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, desenvolvida pela aluna Angélica da Silva Goulart, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências em outras pesquisas e publicações ficando vinculado o controle das informações a cargo desta acadêmica da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

( ) Solicito que seja resguardada minha identificação

( ) Desejo que a autoria de meus depoimentos seja referida

Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração, \_\_\_\_\_, ...../..... de 2010.

\_\_\_\_\_  
Participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Pesquisador/a